

flâmula



ANO VI N.º 8
1967



Em 9 de Fevereiro de 1965, faleceu em Lisboa o Sr. Carlos Roeder, sócio da E. P. A. desde há muitos anos.

Não tendo descendência, deixou todos os seus bens para criação de uma Fundação com o seu nome, cujos beneficiários são os empregados e operários das empresas que fundou ou em que tinha posição majoritária.

«Flâmula» regista com mágoa o falecimento do Sr. Carlos Roeder e só agora o faz por ser o primeiro número que se publica depois daquela data.

Em 20 de Janeiro de 1967 faleceu, com a idade de 90 anos, o Sr. Alfredo Esteves, um dos sócios fundadores da E. P. A., sociedade a que sempre deu o mais franco e dedicado apoio, mercê da confiança ilimitada que lhe merecia o seu grande amigo Sr. Egas Salgueiro, que desde a fundação dirige os negócios da Empresa.

A Ex.ª Sr.ª D. Laura Esteves e o seu filho Sr. Dr. Manuel Esteves, ilustre membro do Conselho de Administração da E. P. A. e a seus netos, a «Flâmula» apresenta a expressão mais sentida das suas condolências.

Em 22 de Abril de 1967 faleceu em Lisboa, depois de longo sofrimento, a Ex.ª Sr.ª D. Maria da Luz da Silva e Faro Passanha, distinta senhora da melhor sociedade portuguesa, esposa estremeçada do Sr. D. Diogo Passanha, ilustre membro do Conselho de Administração da E. P. A..

«Flâmula», avaliando bem o enorme desgosto do Sr. D. Diogo Passanha, apresenta-lhe sentidíssimos pésames.

noticiário

instantâneos pessoais

- Durante o período de interregno na publicação do nosso Boletim, houve várias transferências de estado entre os nossos colegas. Assim, transferiram-se para o rol dos casados Osvaldo Mesquita, em 25/6/65, Manuel Lino, em 1/5/66 e Manuel Gamelas, em 26/6/66.
 - O nosso colega João Carlos Soares foi presenteado por sua esposa com uma menina, em 25/7/66, a quem foi dado o nome de Helena Luísa.
 - Também o colega Manuel Lino já teve a felicidade do nascimento de uma menina, que viu a luz do dia em 18/3/67 e passará a chamar-se Paula Alexandra.
 - O colega Manuel Gamelas teve outras idetas. E assim, foi um menino que veio alegrar o seu lar. Nasceu em 13/4/67 e foi-lhe dado o nome de Manuel Alvaro.
- A todos apresentamos os nossos sinceros parabéns, e desejamos as maiores felicidades aos bebés.

colegas ausentes

- Do Ultramar, regressaram em Janeiro e Setembro de 1965 os colegas Adriano Robalo e José Claudino, a quem abraçámos com grande prazer, por terem finalmente regressado ao nosso convívio.
- Foi há pouco incorporado numa unidade militar em Leiria o João Laurentino, a quem desejamos muitas felicidades para o seu serviço.

novos colegas

- Foram numerosas as alterações dos quadros da EPA neste período de mais de 2 anos. Registaremos apenas as admissões: Círiro Cardoso Camoesas, para Chefe dos Serviços Técnicos; Manuel Amílcar Matos, readmitido para Adjunto do Chefe dos Serviços Técnicos; Alvaro Morgado, para Encarregado da Secção Electrónica; Maria Arminda Ribeiro Lopes, para Secretária da Administração; Carlos Lazzara, para Encarregado Geral da Fábrica de Conservas; Manuel Bola, para Desenhador dos Serviços Técnicos; Maria da Ascensão Santos, para Telefonista da Sede; Francisco José Teodoro, para a Secção de Vazio da Fábrica de Conservas; Eduardo Marques Perreira, Enfermeiro para os Serviços de Higiene e Segurança; Maria Odete Marçal, para o escritório dos Serviços Técnicos; Vêlia Maria Martins, para Telefonista dos Serviços Técnicos; Mário Duarte Baltazar e Hilário Almeida, para Praticantes da Sede e Fernando Santos, para Pacote dos Serviços Técnicos.

flâmula

boletim do pessoal para o pessoal da
EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO

director

Carlos Grangeon Ribeiro Lopes

editor

Manuel da Silva Reis

redactor principal

Carlos Alberto da Silva Jerónimo

sumário

- Dois anos!...
- Santa Isabel e Santa Cristina
- Visita ao Santa Isabel em Lisboa
- Depois...
- Entre uma data... e outra
- Justa homenagem
- A perda do Santa Mafalda
- Vae Victis
- Vamos arriar com Deus
- Progresso e expansão
- O nosso grupo
- Noticiário
- Falecimentos

redacção e administração:

Estrada da Barra, 9 — AVEIRO

composição e impressão:

Tipografia Lusitânia — AVEIRO

n.º 8
maio
1967

O grande entusiasta deste recomeço foi o Artur Filipe, que, apaixonado do futebol, imediatamente se dispôs a tomar a seu cargo a orientação da equipa.

Colheram-se donativos, compraram-se equipamentos, e arrancou-se para a prova, incluídos no lote dos favoritos.

Infelizmente, nem tudo correu dentro das previsões e esse favoritismo não pôde ser confirmado, tanto mais que o primeiro jogo que ganhámos foi transformado em falta de comparência por utilização indevida dum jogador.

Mas de qualquer modo, marcou-se uma presença, embora se tratasse dum torneio meramente particular.

Claro que depois deste reacender de entusiasmo, lógico será voltar a pôr-se a possibilidade de oficialização das actividades circunprofissionais do pessoal da E. P. A., através da sua inscrição na FNAT.

Sabemos que esse passo

não deverá ser resolvido de ânimo leve.

Mas faz pena pensarmos nas extraordinárias possibilidades da E. P. A. e verificarmos que por todo o lado proliferam as pequenas firmas, ao lado de grandes empresas, proporcionando aos seus empregados a prática do desporto ou a participação em organizações culturais e recreativas que tão salutares se afiguram.

Aliás, esta sugestão não é nova e já no n.º 3 do nosso Boletim, de Junho de 1962, se punha a ideia a girar, e depois nos n.ºs 4 e 6, de Dezembro de 1962 e Outubro de 1964, voltámos a falar no assunto.

Por isso confiamos em que este renascer seja o ponto de partida para a concretização desse anseio, de forma a que a E. P. A. possa enfileirar ao lado de tantas e tantas empresas que proporcionam já aos seus empregados meios de cultivarem o velho lema latino «mens sana in corpore sano».

o n o s s o g r u p o

Depois de mais uma paragem, esta maior do que qualquer outra, deu de novo sinal de vida a actividade desportiva do pessoal da E. P. A..

Agora através dum torneio de futebol inter-empresas que a firma Paula Dias & Filhos organizou e para o qual nos dirigiu convite, temos uma equipa de futebol empenhada, com outras 7, na conquista da melhor posição classificativa.



dois anos!...

A «Flâmula» não acabou!... Teve mais um longo período de ausência que esperamos não se repita e se deve a variadíssimos factores a que não é estranho o grande desenvolvimento da Empresa durante este período e a transformação por que passou.

Estas circunstâncias absorveram de tal forma as atenções do pessoal mais responsável, que não sobrou o tempo suficiente para lançar, na devida altura, mais um número da nossa revista.

Durante estes dois anos, registaram-se na história da E. P. A. acontecimentos de extraordinária importância que serão focados detalhadamente neste número.

O lançamento à água dos dois novos arrastões pela popa «Santa Isabel» e «Santa Cristina»; o naufrágio do «Santa Mafalda»; a encomenda e início da construção do terceiro arrastão pela popa, o novo «Santa Mafalda»; a transformação da E. P. A. em sociedade anónima e a criação de novos empreendimentos em Angola; a construção de mais 4 túneis de secagem de bacalhão e de uma magnífica ponte-cais privativa, são acontecimentos de transcendente importância que deram a estes dois anos especial relevo na história da E. P. A.

Um acontecimento houve, porém, que para nós a todos sobrelevou, pela justiça e inteiro merecimento da homenagem prestada. A condecoração do Sr. Egas Salgueiro, Administrador Delegado da E. P. A., com o grau de Comendador da Ordem do Mérito Industrial. A cerimónia da imposição das insígnias foi um acontecimento de grande relevo que serviu para exaltar publicamente, com carácter oficial e grande brilho, a personalidade do Sr. Egas Salgueiro, grande figura do nosso meio social e económico.

«Flâmula», nesta sua reaparição, regista jubilosamente o acontecimento.

santa isabel santa cristina

Em 19 de Março de 1965, o primeiro dos dois novos arrastões pela popa mandados construir pela E. P. A., foi lançado à água em São Jacinto.

Com a sua silhueta a um tempo elegante e imponente, o «Santa Isabel» aguardava na carreira a chegada das entidades convidadas.

Devido ao recente falecimento do Sr. Carlos Roeder, sócio das empresas armadora e construtora, a cerimónia revestiu-se da maior simplicidade, e apenas estiveram presentes as entidades locais mais ligadas ao sector marítimo, além, como é natural, dos administradores da Empresa de Pesca de Aveiro e dos Estaleiros São Jacinto.



N

O

V

O

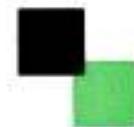
S

A «Flâmula» cumprimenta os senhores accionistas eleitos e formula os mais ardentes votos pelas suas felicidades pessoais e pelo bom êxito da sua espinhosa missão em prol do progresso da E. P. A., ao mesmo tempo que se congratula vivamente pela inclusão nos novos Estatutos, de disposições que prevêem a criação de títulos de trabalho para o seu Pessoal.

É uma medida justa que se enquadra nas actuais tendências sociais das relações entre as Empresas e o seu Pessoal.

SSO

panção



Depois de longos estudos e negociações que a importância do empreendimento justificava, ficou definitivamente acordada entre a Administração da E. P. A., um grupo português e um importante grupo sul-africano, a constituição de duas sociedades em Moçâmedes, Angola, com larga participação da E. P. A., sendo uma para a pesca e outra para a transformação do pescado.

Será mais um ramo florescente que se projectará desta grande árvore que é a Empresa, cujo constante engrandecimento justifica a sua expansão que a todos aproveitará.

A Empresa de Pesca de Aveiro, L.da, fundada em 26 de Maio de 1928, como sociedade por quotas, atingiu uma dimensão e projecção tais que justificavam, de há muito, a sua transformação em sociedade anónima e o aumento do seu capital pela incorporação de parte das importantes reservas acumuladas durante 38 anos de criteriosa administração.

Assim, em Assembleia Geral de 20 de Agosto de 1966 foi aprovada a minuta do novo Pacto Social que inclui o aumento do capital social de 30.000 contos para 90.000 contos, e em 24 de Agosto do mesmo ano foi outorgada a respectiva escritura.

A E. P. A. passou a denominar-se Empresa de Pesca de Aveiro, S. A. R. L., e em Assembleia Geral de 19 de Novembro de 1966, foram eleitos, de acordo com os novos Estatutos, os seus Corpos Gerentes para o triénio de 1967-69, que ficaram assim constituídos:

Conselho de Administração: Egas da Silva Salgueiro, Administrador-Delegado; Alfredo Esteves; Dom Diogo Passanha; Pedro Grangeon Ribeiro Lopes e Eng.º Hernâni Henriques Salgueiro.

Conselho Fiscal: Leonardo José dos Reis Carvalho, Dom Luís Passanha e Eng.º Paulo Seabra Ferreira da Fonseca.

Assembleia Geral: Alberto Casimiro Ferreira da Silva, Presidente; Carlos Tomás Cardoso e Artur Tomás Cardoso.

progre
e ex

A
R
R
A
S
T
Õ
E
S



Depois da bênção do «Santa Isabel», lançada pelo prior da freguesia de São Jacinto, a madrinha do barco, menina Helena Maria Salgueiro, filha do Sr. Eng.º Hernâni Salgueiro, cortou a fita que segurava a garrafa de espumante, a qual, como é tradicional, se desfez em espuma de encontro à proa ativa do navio.

E o «Santa Isabel» deslizou serenamente para as águas da ria, que o acariciaram festivamente, dando as boas vindas à nova unidade que muito enriqueceu a frota aveirense.

DA EPA

O prior de S. Jacinto, procedendo à bênção do «Santa Isabel»



Decorrido quase um ano, mais precisamente em 7 de Fevereiro de 1966, coube a vez ao «Santa Cristina» que, como o «Santa Isabel», foi construído nos Estaleiros São Jacinto.

Também desta vez as circunstâncias não permitiram dar ao acontecimento a festividade que ele justificaria, pois se tinha registado muito recentemente a perda do «Santa Mafalda».

Assim, estiveram presentes ao acto praticamente as mesmas entidades que tinham assistido ao «bota-abixo» do «Santa Isabel».

— «Vitorioso», daqui o «Rio Mondego»! Os meus homens estão a aprontar-se; o «mata-bicho» está dado...

Velho hábito, velha prática; «mata-bicho» dado, companhia fora! Sintomas de que os novos não se esquecem.

Mas em resposta, não foi a voz calma do «velho lobo do mar» que se fez ouvir, mas sim a do jovem capitão, impetuosa. Então o outro punha os botes fora e ele não? Ia perder um dia de pesca por temores infundados? Ele não «via» que o tempo estava bom? Dentro de poucas horas estava calma e não ia aproveitar?

— Por mim, isto está de arriar e é para já. Até logo e boa sorte.

Ainda se ouviu a sua voz, atenuada já pela distância:

— Vamos arriar com Deus, rapaz...

Como se se estivessem a ver, os outros dois, calejados, manhosos, velhos pescadores, esfregaram as mãos, satisfeitos.

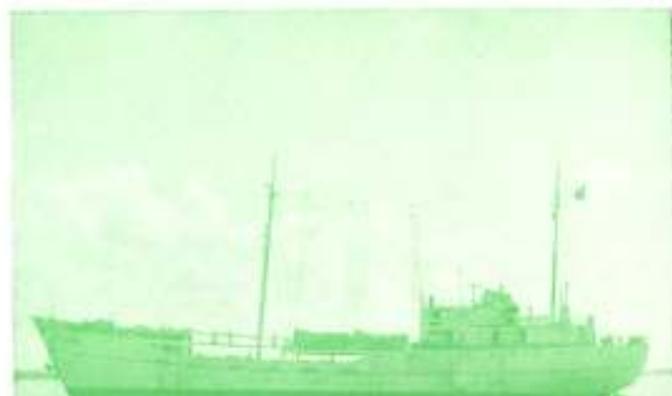
E também ambos falaram para o convés, para aqueles homens sombrios, faces duras, olhos reccosos a mirarem o mar revoltoso.

— Vamos, rapazes, os outros já arriaram, nós não somos menos do que eles e vamos fazer o mesmo. Ora vamos arriar com Deus!

— Vamos arriar com Deus!!!

manuel bixirão

Bordo do «Rio Alfarqueiro», 11-8-60
(quando ainda era navio de pesca à linha)



A menina Helena Maria Salgueiro, ao cortar a fita simbólica da garrafa de espumante



— «Vitorioso», daqui o «Rio Mondego» — responde o outro, sorriso aberto na face crestada; como eles se entendiam bem... — isto ainda hoje fazemos uma pesquinha boa. Vou ver o tempo e resolver alguma coisa. Até já, compadre.

— Até já, parente e boa sorte.

— Alô, alô, «Vitorioso», daqui o «Santa Graça». Bom dia, capitão Santos, escuto.

— Bom dia, que estejas bem — responde solícito.

E o diálogo trava-se animado entre o velho veterano e o jovem capitão, que vem sondar os velhos colegas.

— Então o tempo para aí está melhor? Escuto.

— Isto, para o que estava, está divinal e não tarda que estejam a pescar (os olhos pousaram matreiros na aquecida casa de navegação com um olhar aprovador, enquanto vai mexendo maquinalmente o café bem quentinho; em surdina, no aparelho de rádio ao lado, uma canção qualquer em voga).

— Digo o mesmo, capitão Santos, isto está óptimo e o «raio» do pesquisador que faz umas marcações tão boas!...

De novo se faz ouvir a voz do capitão do «Rio Mondego»:

Serviu de madrinha para o «Santa Cristina» a menina Maria Teresa Estrela Esteves, filha do Sr. Dr. Manuel Esteves, que baptizou o navio com a simbólica garrafa de espumante, depois de lhe ter sido lançada a bênção pelo rev. Bernardino Cristão, capelão da Base de S. Jacinto e prior da freguesia.

O «Santa Cristina» correu, pressuroso, para as águas da ria, saboreou o seu primeiro contacto com o ambiente líquido que lhe vai ser habitual e iludiu-se certamente com as serenas águas desse cartaz turístico de Aveiro, que não correspondem nada à aspereza dos mares que irá sulcar.

A menina Maria Teresa Estrela Esteves, quando procedia ao baptismo do «Santa Cristina»



Depois do «bata-bata» do «Santa Cristina», a madrinha do barco aparece aqui rodeada pelo Sr. Egas Salgueiro, seu avô Sr. Alfredo Esteves, Sr. Eng.º Hermâni Salgueiro, etc.



vamos arriar
com Deus

visita a o santa isabel em lisboa

Após o seu lançamento à água, o «Santa Isabel» teve ainda de proceder a vários acabamentos que o detiveram em Aveiro até 14 de Outubro. Nesta data largou para Lisboa, onde em 22 desse mês foi visitado por diversas individualidades.

Essa visita, com o navio atracado na Estação Marítima de Alcântara, decorreu com assinalável brilhantismo, pois estiveram presentes Sua Excelência o Ministro da Marinha, Almirante Quintanilha de Mendonça Dias e o Secretário de Estado do Comércio, Sr. Dr. Fernando Alves Machado e também os Senhores Dr. Manuel Louzada, Governador Civil de Aveiro; Almirante Henrique Tenreiro, delegado do Governo junto dos Organismos das Pescas; Almirante Henrique Jorge, Presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante; Almirante Francisco Spinola, Director Geral da Marinha; Comodoro Álvaro Valente de Araújo, Director



VAMOS ARRIAR COM DEUS

A face barbuda de várias semanas, crestada pelas mil viagens, os olhos a piscarem maliciosos para o imediato presente, fez ouvir a sua voz rouca através do «rádio»:

— Entendido, entendido! Não é tanto como dizes, o tempo não está divinal, mas... (uma grande pausa, como se os outros que o ouviam, ansiosos por se aventurarem a lançar os dórís na água, com o tempo ameaçador que estava, esperassem a sua opinião de «velho lobo do mar», afeito às muitas brisas sofridas).

De novo se fez ouvir a sua voz rouca, em tom pausado e com ar convicto:

— É como dizes, compadre, isto está melhor, muito melhor. Que dizem vocês? Ai como está o tempo? Diz alguma coisa; escuto.

— Alô, alô, «Rio Mondego», daqui o «Vitorioso!»—a voz veio pausada, como se quem falasse medisse cada palavra pronunciada. Ele sabia, como da «velha guarda» que também era, que estava a ser escutado por muitos, quase todos mesmo, uma grande parte deles novos, que receavam arriar com semelhante tempo, pensando ainda em algum homem que se poderia perder naquelas águas ameaçadoras. Mas os novos são audaciosos e há que «encorajá-los». E aí estava posta em jogo a sua manha de velhos calejados, de peritos na arte de conversar à «fonia».

— Sim — continuou — isto vai a melhorar, ainda se sente um bocado de vaga, mas o tempo vai a melhorar, há menos vento. Não tarda muito que estejam fora. A isca está dada, tenho tudo pronto! Vou aguardar mais um bocado a ver o que isto dá e também a ver o que dizem os outros lá para sudoeste. Diz para cá, escuto.

apontamentos de viagem

Os geradores que eram integrados no veio entre os motores e a caixa redutora, neste navio aparecem ligados por tomada à caixa redutora, da qual tiram movimento.

A casa das máquinas, provida de dois rufos com as respectivas chaminés, torna possível que cada motor tenha o seu colector de gases de evacuação independente e de comprimento semelhante, o que evitará desequilíbrios.

O equipamento de frio, de origem dinamarquesa, marca Sabroe, consta de 3 compressores com motores de 50 HP cada, trabalhando com freon 22. A congelação é servida por 2 armários de placas de contacto verticais, com uma capacidade de 7,5 toneladas diárias para peixe inteiro e 1 armário de placas horizontais, capaz de congelar 7,5 toneladas diárias de filetes ou peixe inteiro, em blocos de 80 mm de espessura.

A preparação das capturas, além do processo normal, é feita por máquinas Baader.

Na linha de peixe salgado, há uma máquina Baader 414 de descabeçar, que alimenta uma máquina de escalar 440, passando este peixe por uma máquina de lavar Waco, antes de ser levado ao porão de sal.

A filetagem é servida por um conjunto Baader 38, constituído por 1 máquina de descabeçar, uma de filetar e duas de depelar. Este conjunto permite filetar cerca de 2.100 peixes de comprimento entre 30 a 60 cm. de comprimento, por hora, preparando-os tal qual saem do mar, isto é, sem qualquer prévia operação.

Um dos grandes melhoramentos desta unidade é o sistema de ventilação e aquecimento de todo o navio por um sistema de ar quente. Tendo sido eliminado o aquecimento central por circulação de água, anularam-se assim as condensações e humidade tão pouco salutar, principalmente nos espaços entre pavimentos.

JOÃO LARUNCHO SÃO MARCOS

da Escola de Pesca; Capitão de Mar e Guerra José Freitas Ribeiro, Capitão do Porto de Lisboa; Capitão de Fragata Agostinho Simões Lopes, Capitão do Porto de Aveiro; Capitão de Fragata José Rodrigues Alho, Comandante da Polícia Marítima; Eng. Pedro Nunes, Director Geral do Porto de Lisboa; Dr. Teles Fraga, Director Geral das Alfândegas; Coronel Guedes Campos, Comandante da Polícia do Porto de Lisboa; Comandante Tavares de Almeida, Chefe dos Serviços de Assistência da frota bacalhueira; Dr. Duarte Silva, pela Corporação da Pesca e Conservas; Dr. José Alfredo Monaja, Presidente da C. R. C. B.; Sebastião Barroso, Secretário-Geral do mesmo organismo; José Gomes de Carvalho e António Couto, Directores do Grémio do Bacalhau, além de várias outras individualidades cujos nomes não tivemos oportunidade de registar.

Os visitantes eram aguardados no cais pelos Srs. Egas Salgueiro e D. Diogo Passalunha, Gerente-Delegado e membro do Conselho de Gerência da EPA e à entrada do navio pelo Sr. Capitão João Laruncho São Marcos, Comandante do «Santa Isabel».

Depois de terem percorrido democraticamente o navio,

O Sr. Egas Salgueiro, com o Sr. Capitão do Porto de Aveiro, quando aguardavam no cais a chegada dos convidados



ouvindo com muito interesse as explicações que lhes iam sendo dadas, os convidados dirigiram-se para o convés de tratamento de peixe, onde lhes foi servido um «copo de água».

Aos brindes, falou em primeiro lugar o Sr. Eng.º M. J. Vanderzijen, Director da Werkspoor N. V., que forneceu as máquinas principais para o navio, o qual afirmou sentir-se muito honrado por estar presente na cerimónia oficial de apresentação do magnífico navio que tinham acabado de visitar, aproveitando depois para oferecer ao Sr. Egas Salgueiro um quadro com uma perspectiva do «Santa Isabel».

Falou a seguir o Senhor Egas Salgueiro, em nome da empresa armadora, de cujo discurso transcrevemos algumas passagens.

Depois de saudar e agradecer a presença dos Senhores Ministro da Marinha e Secretário de Estado do Comércio, o Sr. Egas Salgueiro acrescentou:

«O desejo que tínhamos para esta visita ministerial era para que V. Ex.ª verificassem que os armadores de navios da pesca do bacalhau estão procurando diligentemente colaborar com V. Ex.ª, através das recomendações do Ex.ª Delegado do Governo junto dos Organismos das Pescas, para elevar o potencial económico do país dentro

do lema que Sua Excelência o Ministro da Economia recomenda, e que todos os industriais portugueses não podem esquecer: menos importações e mais exportações. Para isso e dentro das suas disponibilidades, a Empresa de Pesca de Aveiro se prepara, se apetrecha com material moderno, eficaz, não só para ter possibilidades de melhorar o abastecimento do mercado nacional, quer em bacalhau seco, quer congelado, mas ainda muito esperançada em poder dentro de breve tempo iniciar a expor-

O nosso director, Sr. Carlos Grangeon, conversando com o Sr. Egas Salgueiro enquanto se esperavam as individualidades



vae

A enorme perda do «Santa Mafalda», embora profundamente sentida, não provocou desânimo e imediatamente se pensou num projecto de construção duma nova unidade de arrasto pela popa, nos moldes do «Santa Isabel» e do «Santa Cristina», para substituir o naufragado.

Muito embora os planos de construção sejam os mesmos que serviram para aqueles dois navios, há porém, alterações sensíveis que irão influenciar na sua exploração.

O novo arrastac dispõe de quatro porões distintos, dois dos quais com uma capacidade de 1.140 m³, capazes de possibilitar a salga de 17.000 quintais de bacalhau, sendo os outros dois, com uma capacidade total de 480 m³, destinados a cerca de 340 toneladas de peixe congelado.

O sistema de propulsão e auxiliares das máquinas sofreram também algumas alterações, não só por um aumento de potência de 180 HP nas máquinas principais, como no critério a que obedeceu o arranjo do sistema.

O equipamento consta de:

2 motores principais Werkspoor de 1 350 HP cada.

1 caixa reductora da M. W. D..

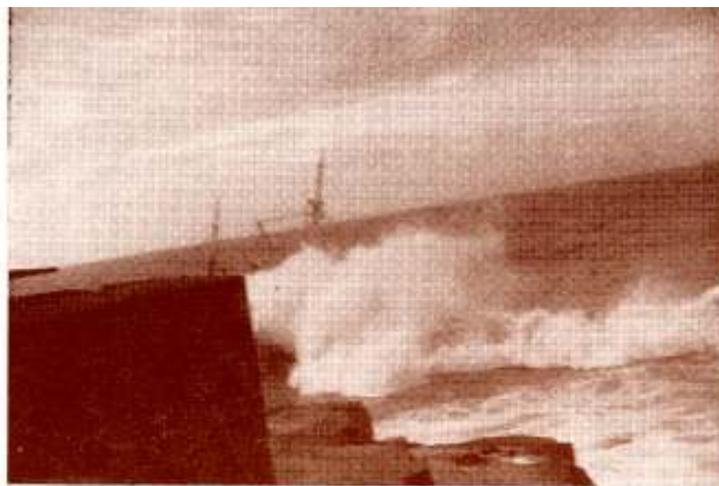
1 linha de veios e hélice reversível KaMeWa.

2 geradores cc. 250 KW para o guincho de pesca, da Hansa.

3 grupos electrogéneos diesel Stork e alternadores Hansa de 160 KVA.

Aqui foram eliminados os dois geradores acoplados aos motores principais e por consequência anulado o conversor que os servia.

victis



O «Santa Mafalda», navio dos mais salientes da frota bacalhoeira e na altura o melhor arrastão da EPA, tinha soçobrado ali a meio d'izida de metros do mar que demandava, e que tantas vezes tinha vencido durante os seus 18 anos de actividade.

Lançámos um último olhar ao navio antes de nos dirigirmos ao automóvel em que regressámos a Lisboa. Queríamos manter uma leve esperança de que ainda nos seria possível voltar a ver o «Santa Mafalda» atracado ao cais da Gafanha, preparando-se, alindando-se para uma nova campanha de pesca. Mas muito no íntimo, sabíamos que era uma despedida. Não mais voltariamos a vê-lo. O «Santa Mafalda» tinha dado por concluída a sua missão.



tação de parte da sua pesca, na modalidade de congelado, se tal convier à economia nacional.

Suponho que poucas pessoas se aperceberão dos largos capitais empregados em novas construções como esta, o «Santa Isabel», que V. Ex.ª acabam de ver e que em nada desmerece das que já se têm construído no estrangeiro para o mesmo fim, e bom será que se saiba o seu custo, não por vaidade ou por nos querermos pavonear com a ressonância de tal importância, mas simplesmente para que publicamente se possa apreciar o risco a que está sujeita uma indústria como esta da pesca do bacalhau, no emprego de tal volume de dinheiro, correndo a sorte dos temporais e de poder ou não encontrar o peixe que procura para encher os seus porões, embora haja muita fé e confiança no prestígio e conhecimentos profissionais das suas tripulações, de que no «Santa Isabel» se destacam o seu comandante e 1.º maquinista, e ainda no milagre das rosas de que foi protagonista a excelsa Rainha Santa Isabel, desta vez transformando, no arrastão que tem o seu nome, o sal em bacalhau.

Este arrastão custou cerca de quarenta e cinco mil contos e o seu apetrechamento para a sua primeira viagem de pesca mais cerca de



cinco mil, mas a esperança e fé que temos no nosso Governo, especialmente nos Ministérios da Marinha e da Economia, dão aos armadores a coragem de fazer construir estas unidades, certos e confiantes de que a indústria da pesca do bacalhau será ainda mais acarinhada e os seus regulamentos actualizados, em confronto com os dos mercados estrangeiros. E ainda dentro desta fé, a Empresa de Pesca de Aveiro tem em construção um segundo arrastão, o «Santa Cristina», gémeo do «Santa Isabel», cujo lançamento à água será feito ainda este ano.»

O Sr. Egas Salgueiro salientou a seguir as ajudas que o Governo, através dos vários organismos ligados à indústria, concede para estas cons-



trações, as quais não são demais encarecer.

Dedicou algumas palavras de louvor e agradecimento aos Estaleiros São Jacinto, pela forma como primou apresentar esta unidade, e depois de saudar de novo as entidades presentes e agradecer as atenções que têm dispensado à EPA, o Sr. Egas Salgueiro finalizou assim o seu discurso:

«Termino brindando pelas

«muito contribui para o desenvolvimento e progresso do País.»

O Sr. Almirante Henrique Teixeira usou depois da palavra para salientar a acção do Senhor Ministro da Marinha nos sete anos de trabalho na sua pasta, através duma atenção muito especial para o sector da pesca, de grande importância económica para o País. E mais adiante disse:

«Portugal atravessa um momento crucial. Combatemos lá fora e aqui. É com orgulho que os armadores continuam a combater pelo progresso do País. Na Terra Nova e na Groenlândia, orgulhamo-nos dos nossos navios. Os homens do «Santa Isabel» vão passar o Natal no mar, para trazer alimento. Em qualquer sítio combatemos por Portugal.»

Para encerrar a série de discursos, usou da palavra o Senhor Ministro da Marinha, detendo-se em lisonjeiras considerações acerca do novo arrastão da EPA, que comprova a fé e o entusiasmo que os armadores demonstram em fazer mais e melhor.

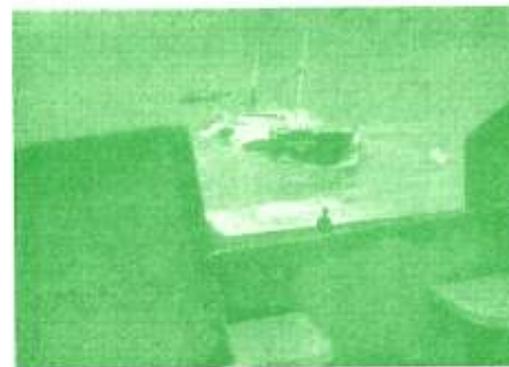
Abordou depois o desenvolvimento da frota de pesca portuguesa, anunciando a próxima conclusão ou início de construção de grande número de novos barcos, de diferentes tipos, para se tornarem mais vastas as possibilidades de se conseguir o que o consumidor necessita.

Comandante Carvalho Pereira, daquela Administração Geral, bem como o 1.º Maquinista e o Contra-Mestre do «Santa Mafalda», a fim de estudarem no local as possibilidades de aliviar o navio, quer retirando diverso material, quer o gasóleo existente a bordo.

Pouco tempo lá se demoraram. Depois de passado o novo cabo de vaivém, o Sr. Comandante Carvalho Pereira ordenou que mais ninguém fosse para bordo, pois iam regressar a terra, devido ao mau cariz do mar nada deixar adiantar nas diligências pretendidas.

Nada mais era possível fazer-se nesse dia. À tarde, a maré impediria todo o acesso ao navio, e por isso, a Comissão de Salvamento reuniria para tentar chegar a conclusões.

Nessa altura, as esperanças não se tinham ainda desvanecido totalmente, pelo menos na opinião de alguns responsáveis. Mas havia outros pareceres... Para alguns, o «Santa Mafalda» estava perdido, por falta de recursos no nosso país para se efectuar um salvamento com as dificuldades de que este se revestia.



«felicidades de todos V. Rec.» e agradecendo, mais uma vez, muito especialmente aos ilustres Membros do Governo. Suas Excelências o Ministro da Marinha e Secretário de Estado do Comércio, a sua presença neste acto, que para nós — Empresa de Pesca do Aveiro — constituiu a melhor prova de reconhecimento de esforço que temos dispendido na valorização duma indústria, que valorizando-se a si,



Tivemos então oportunidade de ver a situação do «Santa Mafalda». Das ameias do Forte de Julião da Barra parecia que quase se podia tocar no navio. Adornado um pouco para bom-bordo, assente nas lages fronteiras ao Forte, sacudido assiduamente pelas vagas alterosas que se desfaziam no seu costado, subindo até aos pontos mais altos da sua estrutura, o «Santa Mafalda» parecia imerso num sono repousante de que apenas as vagas o acordavam momentâneamente, arrancando-lhe um gemido soturno e lamentoso.

O tempo agreste não queria colaborar nas diligências que o pessoal da A. G. P. L. se preparava para levar a cabo. Uma forte bâtega forçou todos os presentes a recolher a diversos abrigos. Mas pouco depois, o tempo abriu, e então assistimos à passagem para bordo de alguns operários da A. G. P. L. para montarem outro cabo de vaivém. Foram também para bordo o Sr.



Ficou a seguir a pesca do bacalhau em particular, apontando as inúmeras dificuldades que cada vez mais se avolumam para a concretização de boas pescas, como por exemplo a extensão dos limites das águas territoriais, o aumento sucessivo do número de barcos que exploram os pesqueiros da Terra Nova e Groenlândia, etc.

A terminar, salientou ainda a competência dos estaleiros navais portugueses, cujo prestígio se projecta já para além fronteiras.

Pouco depois, trocaram-se cumprimentos de despedido, e as entidades convidadas deixaram o «Santa Isabel», sob a impressão evidente de terem visitado mais um belo e moderníssimo bacalhociro, que ficará a constituir uma das unidades vitais da frota portuguesa.



Depois...

Depois o «Santa Isabel» largou para o mar, mas apenas em Dezembro, pois houve que proceder à afinação de todos os equipamentos e abastecer-se para a viagem.

Foi, logicamente, o primeiro arrastão da EPA a chegar aos pesqueiros nessa viagem, pois os outros só mais tarde saíam.

Mas, hoje um, amanhã outro, a frota da EPA lá se reuniu, apenas faltando ao encontro o «Santa Mafalda», por razões sobejamente conhecidas.

Foi, logicamente, o primeiro arrastão da «Santa Princesa», com tantos anos de labuta e as enxaquecas próprias dos navios dessa idade, lado a lado com o donairoso «Santa Isabel», re-



Pela nossa função profissional, tivemos também de nos deslocar a Lisboa, para onde nos dirigimos na tarde do dia seguinte, 23 de Janeiro.

No dia 24, de manhã, houve reunião geral a bordo do «Santo André», nessa altura na doca da Lisnave e lá tivemos a primeira oportunidade de contactar com o Sr. Capitão Asdrúbal Capote Teiga, que fazia a sua primeira viagem no «Santa Mafalda», vindo do «Santa Princesa».

Impressionou-nos extraordinariamente esse primeiro encontro. O Sr. Capitão Asdrúbal era um homem aniquilado. No seu rosto, nos seus gestos, no seu vestuário, adivinhavam-se todos os pormenores da tragédia que tinha vivido, ele e todos os que seguiam no «Santa Mafalda» sob o seu comando.

Mais tarde, quando fomos encontrando os outros oficiais e tripulantes, confirmámos essa impressão, constatámos idêntico aniquilamento.

Todo o dia de 2.ª-feira foi empregado na redacção do protesto, contactos com entidades oficiais, etc.

Só na 3.ª-feira, 25 de Janeiro, ao despontar do dia, seguimos para S. Julião da Barra com o Sr. Capitão Asdrúbal.

A perda do

Sábado, 22 de Janeiro de 1966. Pouco passava do meio-dia quando a noticia se propalou no escritório de Aveiro: o «Santa Mafalda» encalhara nas rochas de S. Julião da Barra, ao sair para a sua primeira viagem desse ano.

O semblante carregado do Senhor Egas Salgueiro, que tinha recebido a comunicação telefónica de Lisboa, não deixava dúvidas sobre a gravidade do que se tinha passado, exteriorizando a preocupação causada pela noticia.

Como sucede sempre perante o conhecimento impreciso dos graves acontecimentos, gerou-se uma angústia em todos que motivou uma série de suposições, de comentários, de esperanças...

Mas as noticias que foram chegando depois começaram a esclarecer melhor a situação. E infelizmente, nenhuma delas era animadora, a não ser a de que não tinha havido perdas pessoais.

O Sr. Capitão José Rocha, que desde 1956 até à segunda viagem de 1965 comandou o «Santa Mafalda» e nessa altura se encontrava em Aveiro, pois passaria para o novo «Santa Cristina», acusou profundamente a noticia. Tinham sido 10 anos da sua existência vividos na sua maior parte a bordo desse barco, que era quase como uma pessoa de familia.

Imediatamente decidiu seguir nesse mesmo dia para Lisboa, a fim de procurar colaborar no salvamento do navio, tendo, aliás, sido nomeado já em Lisboa, para fazer parte da comissão encarregada do salvamento.

S A N T A M A F A L D A

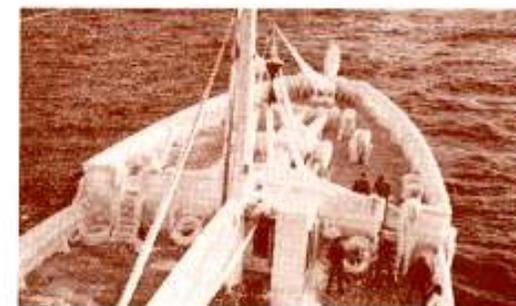
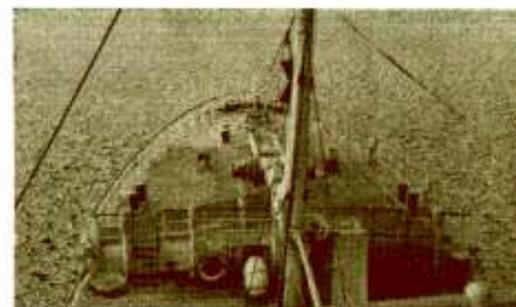
cém chegado a esse ambiente, ufano da sua potência e das suas excepcionais condições de trabalho.

Mas nem tudo são rosas nessas paragens, e o «Santa Isabel» não tardou a tomar contacto com todas as dificuldades que rodeiam a missão tão difícil dos navios bacalhoeiros.

E vieram os campos de gelo, desafiando a altiva proa do «Santa Isabel», vieram os nevões, a darem formas novas de magnificante beleza ao convés, que quase perdia as suas próprias características, veio o frio enregelante, a que toda a operosa tripulação do «Santa Isabel» resiste com facilidade, no seu convés de trabalho com aquecimento por insuflação de ar quente.

Viagem difícil, como tantas outras que o «Santa Isabel» irá efectuar, mas coroada de êxito, como esperamos venham a ser todas as suas futuras campanhas.

Em 1 de Maio de 1966, já o «Santa Isabel» entrava em Aveiro, com os porões a abarrotar de peixe e pressuroso por voltar aos pesqueiros, para nova e feliz viagem.



Entre uma data...

Em 28 de Setembro de 1966, o «Santa Cristina» largou também para Lisboa, depois de em Aveiro se ter procedido ao acabamento dos últimos trabalhos.

No molhe da barra, os Senhores Egas Salgueiro e Henrique Moutela, das firmas armadora e construtora, presenciaram a saída do navio, marcando uma presença bem significativa de fé nas possibilidades de mais esta unidade.

Já em Lisboa, e porque já não se justificava uma nova visita oficial, dado tratar-se dum navio perfeitamente similar ao «Santa Isabel», foi servido a bordo, em 15 de Outubro, um almoço muito íntimo, para que apenas foram convidadas as entidades mais estreitamente ligadas ao sector das

saíndo a barra...



bacalhau, agradeço as palavras tão cheias de amizade com que historiou a minha acção nessa pesca, lembrando acontecimentos passados que saudosamente guardo na minha memória.

A Comissão Organizadora desta cerimónia que muito dedicadamente se esforçou pela sua realização, e em nome da qual o meu prezado amigo Sr. Coronel António Dias Leite me dirigiu palavras de verdadeira amizade, eu apresento os meus melhores agradecimentos e um abraço muito afectuoso para todos os seus componentes.

Para os ilustres representantes da Imprensa, cuja função tanto admiro, vai a minha sincera homenagem.

E a todas as pessoas que aqui vieram e, com a sua presença, quiseram associar-se aos propósitos da Comissão Organizadora desta reunião, eu me confesso, também, muito sensibilizado pela gentileza do seu gesto e lha fico, por isso, muito e muito reconhecido».

No final o Sr. Egas Salgueiro foi longamente aclamado pela assistência e recebeu calorosos cumprimentos das entidades presentes. Foram recebidas inúmeras cartas e telegramas de felicitações de todo o País, do Ultramar e do estrangeiro.

A imprensa diária e local deu grande relevo a este acontecimento, publicando circunstanciados relatos e pondo em merecido destaque a personalidade do Sr. Egas Salgueiro.

«Flâmula», ao registar jubilosamente nas suas páginas as homenagens de que o Sr. Egas Salgueiro foi alvo, saúda de forma muito singela mas muito sincera o trabalhador número um desta grande casa de trabalho que se chama EMPRESA DE PÊSCA DE AVEIRO.

O sr. Comendador Egas Salgueiro com sua Ex.^{ma} Família



gação que a todos assiste de concorrer com o nosso esforço para a valorização de Portugal. E o que me foi permitido levar a efeito, principalmente na indústria da pesca, não o poderia ter concretizado sem a valiosa ajuda do Estado que, por intermédio do seu Delegado do Governo, Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau e dos Organismos Corporativos, tem facultado aos respectivos armadores meios para o desenvolvimento desta indústria tão necessária ao abastecimento do País, e ainda sem o concurso de dedicados colaboradores, que tantos são, desde as tripulações das frotas, com os seus competentes comandos, aos profissionais de terra, que exercem nos escritórios e nas variadas secções fabris as mais árduas tarefas.

E tão pouco posso esquecer a solidariedade e confiança que sempre tenho recebido dos meus prezados colegas que fazem parte dos Corpos Gerentes da Empresa de Pesca de Aveiro.

Só com estes amparos me foi possível fazer alguma coisa no âmbito da indústria da pesca, se é que o labor realizado pode ser considerado, realmente, de algum valor.

A V. Ex.^a, Sr. Governador Civil, que muito admiro e estimo, quer como alto representante do Governo no nosso Distrito, quer na sua simplicidade de cidadão, manifesto a minha maior gratidão pelo dedicado apoio dado a esta reunião promovida pelos meus amigos. Também muito me sensibilizaram as afectuosas palavras de V. Ex.^a, tão cheias de carinho e sincera amizade, que calaram bem no fundo do meu coração.

A V. Ex.^a, Sr. Almirante Henrique dos Santos Tenreiro, digno Delegado do Governo junto dos Organismos das Pescas, que, com sacrifício dos seus inúmeros afazeres, se dignou vir até esta cidade para, pessoalmente, me entregar a condecoração, agradeço vivamente a alta prova de consideração que me dá, assim como as amáveis palavras que teve a gentileza de me dirigir. Como sempre, e enquanto a minha saúde o permitir, poderá V. Ex.^a contar com a minha leal colaboração, não de palavras, mas de acção, tendo presente a contínua melhoria e engrandecimento da frota portuguesa de pesca e dos respectivos complexos industriais de terra.

Ao Ex.^{mo} Sr. Capitão José Oliveira de Sousa, brilhante oficial da nossa marinha mercante, que há cerca de quatro décadas comigo colaborou na qualidade de capitão de navio da pesca do



o regresso

peças, e a quem prestaram as honras da «casa» os Senhores Egas Salgueiro e D. Diogo Passanha, da Administração da EPA, e o Sr. Capitão José Oliveira Rocha, comandante do «Santa Cristina».

Nesse mesmo mês, no dia 26, o «Santa Cristina» largou para os bancos da Terra Nova.

Ainda lá encontrou alguns dos arrastões da EPA, que efectuavam a segunda viagem desse ano, mas depois do seu regresso, ficou quase só, passando praticamente todo o inverno nos pesqueiros.

Essa primeira viagem foi inteiramente coroada de êxito, e em pouco mais de três meses, o «Santa Cristina» encheu os seus porões, largando para Portugal.

Ajoudado ao peso do seu carregamento completo, o «Santa Cristina» dava entrada de novo no porto de Aveiro no dia 19 de Fevereiro de 1967.

...e outra!

Consagrando os reconhecidos méritos de grande industrial e homem de acção do Sr. Egas da Silva Salgueiro, o Governo decidiu, num acto de justiça há muito merecido e devido, condecorá-lo com a Comenda da Ordem do Mérito Industrial.

A notícia desta distinção foi acolhida com a maior satisfação pelos seus inúmeros amigos, que logo formaram uma comissão para promover uma festa de homenagem quando da entrega das insígnias ao novo Comendador.

Esta comissão ficou constituída pelos Senhores Coronel António Dias Leite, Capitão Firmino da Silva, Carlos Aleluia, Dr. José Pereira Tavares e Dr. Pompeu Cardoso. A esta iniciativa se associaram as duas corporações dos Bombeiros Voluntários da cidade, o Sport Clube Beira-Mar, a Sociedade Recreio Artístico e o Rotary Clube de Aveiro.

A homenagem teve lugar no dia 10 de Janeiro de 1966, no Teatro Aveirense, completamente cheio com pessoas de todas as categorias sociais que desta forma quiseram associar-se.

A sessão presidiu o Sr. Dr. Manuel Louzada, ilustre Governador Civil de Aveiro, ladeado pelos Srs. Almirante Henrique Tenreiro e pelo homenageado e ainda pelos Srs. Presidente da Junta Distrital; Presidente da Comissão Distrital da U. N.; Presidente da Câmara Municipal de Aveiro; Presidente da Câmara Municipal de Ilhavo e Presidente da C. R. C. B.; Presidente do Grémio do Bacalhau; Representante da Junta Central das Casas dos Pescadores; Comandantes Militar, da P. S. P., da G. N. R. e da Base Aérea de S. Jacinto; Delegado do Instituto Nacional de Trabalho; Capitão do Porto de Aveiro; Eng.º Director do Porto de Aveiro; D. Diogo Passanha, pela E. P. A.; Capitão João de Oliveira e Sousa, pelo Sindicato dos Capitães e Oficiais Náuticos e Coronel António Dias Leite, pela comissão promotora.

falou por último o Sr. Egas Salgueiro, que disse:

«Muito grato estou ao Governo da Nação pela condecoração com que me distinguiu, assim como à comissão de amigos aveirenses que promoveu esta reunião para entrega das respectivas insígnias. Não sei como agra-



O abraço de dois sócios fundadores da EPA, Egas Salgueiro e Alfredo Esteves

decer tantas provas de carinho, estima e consideração que quiseram dar-me tantos e bons amigos que de perto, de longe — e alguns até de muito longe — aqui vieram assistir a este acto.

Ao tomar conhecimento



O Sr. Pedro Grangeon felicita efusivamente o homenageado

da distinção que me era conferida, perguntei à minha consciência o que poderia eu ter feito para a merecer, pois parece-me que tudo aquilo que me foi dado realizar em prol do meu País, da minha região e de Aveiro, como industrial aveirense, o fiz por mera obrigação, aquela obri-

S. Ex.ª Rev.ª o Bispo de Aveiro, cumprimentando o Sr. Egas Salgueiro





O director da «FLAMULA», Carlos Grangeon, saudando o Sr. Egas Salgueiro

Lembrou que desde há trinta anos trata com o homenageado na sua actividade de armador de invulgares qualidades e sempre o viu na vanguarda dos que procuram revivificar e fazer progredir cada vez mais a indústria da pesca que ambos conheceram, há trinta anos, à beira da ruína.

Por entre prolongados aplausos da numerosíssima assistência, procedeu em se-

guida, à imposição das insignias.

Em nome da Direcção do Teatro Aveirense, o Sr. José Duarte Simão proferiu breves palavras de congratulação e convidou uma gentil triciana a entregar ao Sr. Egas Salgueiro um lindo ramo de flores.

Também em palavras breves, mas muito sentidas, o Director da «Flâmula», Sr. Carlos Grangeon, saudou calorosamente o Sr. Comendador Egas Salgueiro, em nome dos 1.200 empregados e operários da E. P. A., enquanto um grupo de empregadas lhe oferecia uma bonita «corbeille» de orquídeas e a sua Esposa, Ex.ma Sr.ª D. Ascensão Salgueiro, que assistia numa frisa, um ramo de cravos vermelhos.

Visivelmente emocionado,

Visivelmente emocionado, o sr. Egas Salgueiro agradece a homenagem



O sr. Governador Civil ao usar da palavra

Em lugar especial, sentou-se Sua Ex.ª Rev.ª D. Manuel de Almeida Trindade, venerando prelado da Diocese, que também se quis associar a tão justa homenagem.

A sala estava ornamentada com as bandeiras das várias colectividades de recreio e desporto e no palco, servindo de fundo, encontravam-se deputações das diversas agremiações e das duas corporações de bombeiros.

Em ambiente festivo, usou da palavra, em primeiro lugar, o Sr. Governador Civil, que mostrou a sua grande satisfação por participar nesta manifestação em volta de um aveirense que, ao longo de algumas décadas, se tem dedicado com inteligência e entusiasmo à valorização de diversas actividades económicas, prestando, assim, valiosíssimos serviços à cidade, à região e ao País. Salientou a projecção da

O sr. Coronel António Dias Leite discursando





Um aspecto do palco, quando falava o sr. Capitão José Oliveira e Sousa

sua obra que se alarga para além do País e a justiça do galardão que lhe foi concedido.

Dirigi em seguida calorosa saudação ao Sr. Almirante Henrique Tenreiro, pondo em relevo o significado da sua presença.

A seguir falou o Sr. Coronel António Dias Leite, antigo Governador Civil, que em nome da comissão promotora da homenagem exprimiu em termos calorosos as razões que a determinaram, realçando o merecimento absoluto da condecoração com que o Governo agraciou o Sr. Egas Salgueiro, que tanto tem contribuído para a prosperidade da economia regional e tantas provas tem dado da sua dedicação à terra que lhe foi berço.

Saudou o Sr. Almirante Henrique Tenreiro, lembrou o muito que a Marinha Mercante e de Pesca deve ao Chefe do Estado e agradeceu ao homena-

O sr. Almirante Henrique Tenreiro, ao fazer o elogio do sr. Egas Salgueiro



gado, em nome dos aveirenses, o seu trabalho infatigável e fecundo em prol do desenvolvimento económico da nossa terra.

O Capitão da Marinha Mercante Sr. Oliveira e Sousa, oficial náutico com quarenta e três anos de luta com o mar, falou em nome dos que têm trabalhado e trabalham na pesca do bacalhau, lembrando, com emoção, que foi por iniciativa de Egas Salgueiro que foram os barcos da frota bacalhoeira portuguesa pela primeira vez à Groenlândia e proclamando em termos vibrantes o alto valor desse grande obreiro da nossa indústria da pesca.



A imposição das insígnias da Comenda da Ordem do Mérito Industrial ao sr. Egas Salgueiro.

Falou depois, o Sr. Almirante Henrique Tenreiro, que afirmou a satisfação com que viera colaborar numa festa tão expressiva como aquela em que o povo de Aveiro quisera manifestar a sua admiração e a sua gratidão ao Sr. Egas Salgueiro.

Agradeceu as referências com que foi distinguido e lembrou a luta em que a Nação anda empenhada e em que tem de se manter firmemente unida, para realçar que também neste momento todos estão unidos para louvar Egas Salgueiro, porque ele, embora na rectaguarda, com a sua acção perseverante e patriótica, ajuda a aguentar o esforço da nossa frente.